

“ESTAR-AÍ-PARA-OUTROS” COMO PARTICIPAÇÃO DA REALIDADE DE CRISTO: SOBRE A ECLESIOLOGIA DE DIETRICH BONHOEFFER

*Kurt Appel / Nicoletta Capozza**

Resumo

A Eclesiologia em Dietrich Bonhoeffer é vida, reflexão e vida de novo. Revela-se em suas teses de doutorado e habilitação, na sua prática de professor na Universidade de Berlim, como pastor em Londres e sua atuação ecumênica, na decisão como Igreja Confessante, na formação de pastores e no livro sobre o seguimento, na ilegalidade, na conspiração contra Hitler, na prisão, nas cartas da prisão e no esboço para a Ética, finalmente com o martírio. Despojamento, autonomia, responsabilidade, representação vicária de Cristo, como “ser-para-outros” e liturgia conseqüente, unindo ação e oração, caracterizam o ser da Igreja.

Zusammenfassung

Die Ekklesiologie Bonhoeffers entstammt seinem Leben, spiegelt sich in seinen Werken und ist weiterhin sein Leben. Seine Doktorarbeit und Habilitationsschrift widmen sich dem Thema, ebenso wie seine Tätigkeit als Professor an der Universität, dann als Pfarrer in London und gleichzeitiges Engagement in der Ökumene, und wieder in Deutschland, bei der Entscheidung zur

* Kurt Appel, Doutor em Teologia e Filosofia. Professor no Instituto de Teologia Fundamental na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Viena.

Nicoletta Capozza, Doutor em Filosofia, com a tese *Im Namen zur Treue der Erde*. Versuch eines Vergleichs zwischen Bonhoeffers und Nietzsches Denken [Em nome da fidelidade à terra. Tentativa de comparação entre o pensamento de Bonhoeffer e Nietzsche], Münster 2003.

Bekennenden Kirche, in seiner Tätigkeit als Prediger Ausbilder, selbst in der Illegalität, bei der Verschwörung gegen Hitler, im Gefängnis, in den Briefen aus dem Gefängnis, den Entwurf einer Ethik und schliesslich das Martyrium. Einfaches Leben, Selbstständigkeit, Verantwortung, Stellvertretung Christi als „Für-Andere-Dasein“ und konsequente Liturgie, als Einheit zwischen Beten und Handeln, kennzeichnen das kirchliche Dasein.

Para poucos teólogos a unidade entre vida e pensamento serve de tal forma como chave hermenêutica quanto para Dietrich Bonhoeffer. Bonhoeffer pensou o que viveu e viveu o que pensou. Isso vale de modo especial para seu pensamento sobre a Igreja e sua forma. A questão eclesiológica de fato se põe em Bonhoeffer, de um lado, no contexto de um engajamento pessoal profundo e, de outro, esse engajamento se espelha em suas reflexões sobre a Igreja, das quais se ocupou desde seu tempo de estudo.

Por isso, consideramos o esclarecimento da situação histórica e biográfica em Bonhoeffer como ponto de partida irrenunciável para a elaboração de sua Eclesiologia. Tanto mais quando se tem presente que seu engajamento eclesial, assim como suas reflexões, não ocuparam um lugar secundário em sua vida. Pelo contrário: Bonhoeffer concebe seu agir sempre como participação no ser da Igreja: desde a Universidade, passando pela atuação nas paróquias, do *Kirchenkampf* à sua participação na conspiração contra Hitler. Sua Teologia é caracterizada, nisso, pela incansável busca por concreções da revelação no presente, quer dizer, o “aqui”, o “hoje”, o “para nós”. Lugar dessa concreção, antes de mais nada, é a Igreja, uma vez que tem o encargo de anunciar a palavra de Deus e representar o ser de Cristo no mundo. Daí o discurso a respeito da essência da Igreja não ser uma parte de sua Teologia, mas conter o sentido desse próprio discurso.

Olhemos, portanto, agora, as diferentes fases do engajamento eclesial de Bonhoeffer para, então, explicitar o desenvolvimento dos suas concepções eclesiológicas.

Bonhoeffer: Uma Teologia biográfica e uma biografia teológica

Existe uma notável experiência na juventude do Teólogo, que é para ter marcado muito sua orientação, seu agir e seu pensamento: a viagem a Roma (1924) e ter aprendido a conhecer a Igreja romana. “A fascinação pela Roma católica tornou-se um fator de efeito duradouro para o pensamento de Bonhoeffer”, escreve Bethge em sua biografia,¹ registrando o que Bonhoeffer, naquela ocasião, havia anotado em seu diário: “Penso estar começando a entender o conceito de Igreja”.

Em 1927, Bonhoeffer, com 21 anos, publica sua tese de doutorado, com o título *Sanctorum Communio. Eine dogmatische Untersuchung zur Soziologie der Kirche* [Sanctorum Communio. Um estudo dogmático sobre a Sociologia da Igreja]. Com a ajuda da Sociologia e da dogmática, das categorias de Hegel (assim, p. ex., “o espírito objetivo”) e o pensamento dialógico (a “relação eu-tu”), com referência a Troeltsch, mas sobretudo Barth, tenta explicitar o conceito de “Igreja”: Igreja como *Communio Sanctorum* é para Bonhoeffer simplesmente a presença de Cristo no mundo.

Ao mesmo tema também está dedicada sua tese de habilitação: *Akt und Sein. Transzendentalphilosophie und Ontologie in der systematischen Theologie* [Ato e ser: Filosofia transcendental e ontologia na Teologia sistemática] em 1930. Procura clarear as premissas epistemológicas do conceito de Igreja. Se a Igreja é a concreção da revelação de Cristo no mundo, assim se coloca a pergunta como se poderá conhecer a revelação em si mesma. Nisso mostram-se, para Bonhoeffer, dois conceitos. O primeiro (primado do ato, da reflexão) apóia-se nas categorias da filosofia

¹ BETHGE, Eberhard. *Dietrich Bonhoeffer. Eine Biographie*. Gütersloh 1994, p. 87.

transcendental (Kant). O segundo (primado do ser-aí), sobre a ontologia (no sentido de Heidegger). Bonhoeffer, que critica o individualismo de ambas as concepções, quer mostrar como esses conceitos se expressam na essência da Igreja por consistir, não tanto no ato de fé, quanto no ser, ou no estar-na-Igreja. A Igreja como unidade de ato e ser é, portanto, a resposta à pergunta pela explicação da revelação. Somente na participação na Igreja pode-se conhecer a revelação. O que, no entanto, significa em concreto a participação na Igreja é a questão que Bonhoeffer se colocará dramaticamente sob as condições dos eventos políticos de 1933.

O tema “Igreja”, contudo, já antes, no período acadêmico (1931-1933), não desapareceu. Bonhoeffer lhe dedica as preleções do semestre de verão de 1932, *Das Wesen der Kirche* [A essência da Igreja], e um artigo, *Was ist Kirche?* [O que é Igreja?], publicado em janeiro de 1933. No artigo *Die Kirche vor der Judenfrage* [A Igreja ante a questão judaica], de abril de 1933, já não aborda mais o problema no plano científico. Agora se trata de atualidade: sua Igreja ameaça introduzir o parágrafo ariano [Determinação estatal alemã pela qual o direito de cidadania ficava reservado aos arianos. N.T.]. Bonhoeffer sabe: aquela Igreja que introduz o parágrafo ariano, rompe com a Igreja de Cristo. Desse ponto em diante, nasce um novo conceito de Igreja. Igreja não é uma instituição a-histórica, mas está inescapavelmente *in statu confessionis*. Somente como confessante, isto quer dizer, como seguidora, a Igreja é Igreja de Jesus Cristo. Para entender melhor essa virada, não é sem importância lembrar alguns eventos da política eclesial alemã daqueles anos: julho de 1933, vitória dos “Cristãos alemães” [setor da Igreja Luterana, alinhado ao nazismo, n. T.] nas eleições eclesiais; agosto de 1933, a Confissão de Bethel, para cuja formulação Bonhoeffer havia dado uma contribuição essencial; 5 de setembro de 1933, o parágrafo ariano é introduzido pelo assim chamado “Sínodo Marrão” [refe-

rência à cor nazista, n. T.]. Maio a outubro de 1934, o Sínodo de Barmen e Dahlen funda a Igreja Confessante.

De outubro de 1933 a fevereiro de 1935, Bonhoeffer é pároco em Londres e participa, por sua atividade no plano ecumênico, da luta na Igreja (contra os “Cristãos alemães” colaboradores dos nacional-socialistas). A partir da primavera de 1935, é regente do seminário de pregação de Finkenwalde. Aí pode desenvolver seu conceito de Igreja, não apenas teórica, mas sobretudo praticamente. Resultado desse período é o livro *Nachfolge* [Trad. bras. *Discipulado*]. A Igreja como Igreja *in statu confessionis* caracteriza seu ser como Igreja seguidora. No seguimento [ou discipulado] está a essência do ser cristão, e o seguimento só pode ser realizado na “vida comum” [Também título de uma obra, n. T.]. Isso quer dizer que a Igreja, por um lado, consiste na fé e na obediência a Jesus, porque somente a fé e a obediência possibilitam o seguimento. De outro lado, realiza-se somente no concreto ser-um-com-outro, sem o qual o seguimento sempre corre o risco do ato de auto-satisfação e individualismo.

Seguimento deve ser entendido na luz de um outro motivo, especialmente desenvolvido no discurso ecumênico desse tempo: Bonhoeffer o designa, o “mandamento de Deus”. A Igreja *in statu confessionis* não é apenas a Igreja seguidora, mas também a portadora e a proclamadora do mandamento de Deus, sempre dirigido ao mundo e *ancorado na realidade do mundo ou no kairós da história*. Esse motivo é aprofundado na *Ethik* [Ética] e conduz, em última análise, à supressão da separação entre Igreja e mundo.

A raiz dessa passagem do conceito de uma Igreja separada do mundo, como ainda aparece em *Nachfolge*, para a abordagem de uma unidade entre a realidade do mundo e da revelação, está mais uma vez num evento histórico. Em 1937, é definitivamente fechado o seminário de Finkenwalde, depois de ter existido na ilegalidade desde 1935. Para suprir a mesma função de preparar os pastores da Igreja Confessante, Bonhoeffer organi-

zou encontros locais em alguns vicariatos. Ao mesmo tempo entra em contato com o círculo conspiratório de Canaris e Hans von Donahnyi. O que o leva a dar esse passo, pelo qual é posto numa situação peculiar frente aos seus coirmãos, não é por último a diminuição da Igreja confessante. Em 1938, essa atinge o fundo do poço, quando, ante o medo da dissolução definitiva, finalmente adere ao juramento a Hitler e não assume uma posição decidida em relação à “Noite dos Cristais”. Nesse ano ficou claro para Bonhoeffer que o mandamento divino também não seria mais audível na Igreja confessante, mas em outro lugar.

Apesar disso, em sua *Ethik*, escrita nos anos de sua prisão, ainda indica um lugar para a Igreja. Ela é o “preceito de Deus no mundo”. Escreve ele:

O mundo, saiba ele ou não, está relacionado a Cristo. Essa relação do mundo a Cristo torna-se concreta em determinados *preceitos* de Deus. A Escritura conhece quatro de tais preceitos: o trabalho, o matrimônio, a autoridade, a Igreja. [...] À diferença dos três primeiros mencionados [anteriormente], trata-se, no preceito divino sobre a Igreja, do encargo de deixar tornar-se realidade a verdade de Jesus Cristo na proclamação, no ordenamento eclesial e na vida cristã. Trata-se, portanto, da salvação do mundo inteiro. O preceito da Igreja estende-se sobre toda a humanidade e, na verdade, dentro de todos os outros preceitos.²

² BONHOEFFER, Dietrich. *Ethik* (Dietrich Bonhoeffer Werke VI). München 1992, p. 54s.

Aí também a aliança entre a Igreja e os elementos “mundanos” da resistência contra o nacional-socialismo – nascida dessa resistência – é dignificada:

Iniciamos este parágrafo, chamando a atenção para uma das mais surpreendentes experiências que vivemos nos anos de tribulação de tudo o que é cristão. Frente à idolatria do irracional do sangue, do instinto, do predador no ser humano bastava o apelo à razão; frente à arbitrariedade, bastava o apelo ao direito escrito; frente à barbárie, bastava o apelo à educação e à humanidade; frente à violência, o apelo à liberdade, à tolerância e aos direitos humanos; frente à politização da ciência, da arte, e assim por diante, a indicação da autonomia dos diferentes âmbitos de vida, para então imediatamente despertar uma espécie de comunidade de aliança entre os defensores desses valores acusados e os cristãos. Razão, educação, humanidade, tolerância, autonomia – todos esses conceitos, que até pouco tempo tinham servido como slogans voltados contra a Igreja, contra o cristianismo e mesmo contra o próprio Jesus Cristo – de repente se encontravam surpreendentemente muito próximos do âmbito do cristianismo.³

Que a questão eclesiológica não é abandonada com a *Ethik*, como alguns intérpretes de Bonhoeffer, nos anos 60 e 70, afirmaram, confirma-se pelo fato de o tema Igreja aparecer frequentemente nas cartas da prisão.

No dia 5 de abril de 1943 Bonhoeffer é preso. A acusação inicialmente é menos grave do que ele mesmo pensara no pri-

³ *Ethik* (DBW VI). München 1992, p. 342s.

meiro momento. Da conspiração contra Hitler ainda não se sabia nada de concreto. Apenas se queria dar um sinal à cúpula do exército, para quem Bonhoeffer trabalhava (para ajudarem na organização da resistência). Assim Bonhoeffer, após os primeiros meses de interrogatório, pode gozar de uma relativa calma para manter sua correspondência com seu amigo Eberhard Bethge. Nessas cartas, publicadas sob o título *Widerstand und Ergebung* [Resistência e submissão], levanta uma série de questões, que ainda hoje pertencem às mais provocantes da Teologia cristã. Dentre essas destaca-se a pergunta pela Igreja. Num de seus últimos escritos, o programático “Esboço para um trabalho” (julho de 1944), escreve ele:

A Igreja é Igreja somente se estiver aí para outros. Para começar, deve entregar tudo aos necessitados. Os pastores devem viver exclusivamente de doações livres da comunidade e eventualmente exercer uma profissão secular. A Igreja tem que participar das tarefas seculares da vida comunitária, não dominando, mas ajudando e servindo. Ela deve dizer às pessoas de todas as profissões o que significa uma vida com Cristo, o que significa, “estar-aí-para-outros”. [...] Isso é expresso de maneira muito crua e sumária, mas quero fazer a experiência de expressar simples e claramente determinadas coisas das quais geralmente nos desviamos. [...] Espero, com isso, poder prestar um serviço ao futuro.⁴

Esse “serviço” ele o prestou, tanto com seu esboço como com seu agir. Em setembro de 1944, finalmente, os indícios dos co-autores do atentado de 20 de junho contra Hitler levam ao cír-

⁴*Widerstand und Ergebung* (DBW 8). Gütersloh 1998, p. 560s.

culo de Dohnanyi, portanto também a Bonhoeffer. Em 8 de setembro, é levado à prisão da Gestapo, na Prinz-Albrecht-Gasse. Em fevereiro de 1945, é enviado ao campo de concentração de Buchenwald. No dia 8 de abril, portanto pouco antes da capitulação da Alemanha nazista, é condenado à morte em Flossenburg e enforcado.

Conceitos eclesiológicos centrais

No conceito eclesiológico de Bonhoeffer, como se desenvolveu sob o impulso dos eventos históricos e biográficos, alguns pontos merecem ser destacados.

1 A decisão

A decisão deve ser vista como um momento central da existência da e do ser na Igreja. Sendo de fato a Igreja a presença de Cristo no mundo, essa presença deve ser definida como *temporal* (quer dizer, não metafísico-estático e não-espacial, no sentido profano/sagrado, cf. abaixo) em relação ao *kairós* da confissão, do seguimento e da aceitação e da obediência ante o mandamento de Deus. Assim, a Igreja não é mais caracterizada como um lugar separado do “mundo”, mas pela *ação histórica* concreta: “Somente quem clama em favor dos judeus pode cantar gregoriano”, instiga Bonhoeffer em 1935 à memória dos cristãos.

Daí seguem duas conseqüências:

1) O “pensamento espacial”, como Bonhoeffer diz insistentemente no texto programático de sua *Ethik* (Christus, die Wirklichkeit und das Gute. Christus, Kirche und Welt), é descartado na Teologia:

Por mais difícil que seja escapar da condenação a esse pensamento espacial, é certo que contradiz profundamente o pensamento bíbli-

co e da Reforma, e que portanto passa ao largo da realidade. Não existem duas realidades, mas apenas uma, e esta é a realidade divina tornada manifesta em Cristo na realidade do mundo. [...] É uma negação da revelação divina em Jesus Cristo querer ser “cristão” sem ser “secular” [literalmente, “mundano”, n. T.], ou querer ser secular sem ver e reconhecer o mundo em Cristo. [...] O pensamento espacial entende os conceitos-pares secular-cristão, natural-sobrenatural, profano-sagrado, racional-revelado como contraposições estáticas últimas com as quais determinadas realidades mutuamente excludentes são designadas. Desconhece a unidade original dessas contraposições na realidade de Cristo.⁵

Toda fuga para estruturas pretensamente santas, não contaminadas pelo mundo e suas necessidades, assim como toda auto-segurança ética, que pensa anunciar uma verdade a-histórica, eterna, longe dos desafios sociais concretos, com isso é recusada, assim como a separação entre uma Igreja auto-suficiente e um mundo “fora”, que na melhor das hipóteses seria território de missão e, sem autoridade própria, fosse apenas receptor das verdades eclesiais.

2) A realidade se torna “sacramento” do mandamento divino, quer dizer, o mandamento é essencialmente carregado pela realidade, ou seja, a realidade histórica, sem a qual não pode ser visibilizado.

As duas conseqüências, assim parece, dão a impressão de uma possível dissolução do querigma ou da Igreja na ação ética e sua propagação. Essa suspeita é tanto maior, quando se lêem as reflexões sobre o cristianismo sem religião e a maioria do

⁵ *Ethik* (DBW VI). München 1992, p. 43s.

mundo em *Widerstand und Ergebung*. No entanto, essa suspeita revela-se inconsistente, quando se lêem os escritos com mais atenção.

2 Representação vicária

A Igreja, de fato, assim Bonhoeffer, tem a tarefa da *representação vicária*:

A Igreja, como entidade comunitária própria, serve à realização da ordem divina da proclamação e, na realidade, de duas maneiras. Primeiro, na medida em que tudo nessa entidade comunitária está orientado para a comunicação eficaz do anúncio de Cristo a todo mundo, de tal maneira que a comunidade mesma é apenas instrumento, meio para o fim. Em segundo lugar, na medida em que, nesse assumir da comunidade para o mundo, aconteceu o objetivo e o início da realização do preceito divino do anúncio. [...] O conceito de representação vicária expressa essa dupla relação da maneira mais clara.⁶

A representação vicária designa o ser de Cristo, como tal, e com isso a essência do *agir responsável*, pelo qual se deve abordar o tornar-se verdade de Cristo no mundo ou na história. Daí ser a Igreja, em sua função vicária, verdadeira presença de Cristo no mundo. Com isso ela simplesmente revela essa presença, assumindo a responsabilidade por outros. Isso concretamente significa:

⁶ *Ethik* (DBW VI). München 1992, p. 408.

- 1) O ser da Igreja consiste em “*estar-aí-para-outros*”;
- 2) A Igreja não é Igreja de Cristo se se afirma apenas na autodefesa;
- 3) A Igreja é Igreja de Cristo, sobremaneira, se assume “*a perspectiva a partir de baixo*”.

Aqui se mostra o estreito entrelaçamento da ética e da cristologia. Exatamente porque Jesus viveu vicariamente para a humanidade, é ele o “representante” do ser humano, entronizado e confirmado por Deus, o novo Adão e ser humano nele justificado, porque Deus contempla o ser humano na luz de Cristo. Nessa representação vicária, porém, Eucaristia e ética, política e mística não podem mais ser separadas. A verdade de Cristo realiza-se aí onde se vive vicariamente; a transformação do mundo em Cristo é evento eucarístico e político. Inversamente, deve dizer-se também que toda ética tem sua dimensão de profundidade na realidade de Cristo. Essa justificação do mundo em Cristo, no entanto, não significa que o mundo perca sua autonomia, antes atinge, assim, sua verdadeira autonomia, que traduz um outro conceito-chave da eclesiologia de Bonhoeffer.

3 A Igreja e o mundo

A *autonomia do mundo*, que recusa o “Tutor Deus”, não deve ser vista como um risco. Pelo contrário, segundo Bonhoeffer, abre a perspectiva para o Deus bíblico. A Igreja é testemunha desse Deus, presente na impotência da cruz e, com isso, exige o desenvolvimento do mundo em direção à sua maioridade. Como SUA testemunha não pode, através da apologética, defender o lugar de Deus no mundo, mas conduzir as pessoas a uma “*interpretação não-religiosa dos conceitos bíblicos*”, isto quer dizer, uma interpretação que não mais se apóia num conceito “metafísico” ou “individualista” de Deus. Tal interpretação nasce, e é inseparável, da essência da Igreja acima formulada, porque não pode ter lugar num plano puramente teórico. Esse plano pura-

mente teórico seria muito mais o que Bonhoeffer entende por “religioso”. Seria auto-segurança da Igreja, *possuir* um Deus todo-poderoso que lhe desse um fundamento último, que não fosse tocado pela história e as exigências do outro. Poderia dizer-se também que a “religião” significa a busca de uma auto-identidade, para a qual o(a) outro(a) não é constitutivo(a) exteriormente. Exatamente, porém, porque Deus em Cristo é servo do ser humano, “para outros”, mostra-se a graça divina no fato de *o* ser humano e *a* Igreja terem seu fundamento em Deus, quando, na disposição da entrega da própria vida e de toda auto-segurança, seguem a Cristo, em decisão livre, quer dizer, *na maioridade e na fé*. O discurso correto a respeito de Deus, dessa maneira, não é mais auto-segurança metafísica “ciente” ou recurso positivador, exatamente como também a tarefa da Igreja não deve mais ser concebida positivamente (no sentido de fixar-se em determinadas leis). Muito mais, o caminho do seguimento cristão é caracterizado pelas atitudes *do silêncio e do agir responsável*. Na homilia do batizado do filho de seu amigo Bethge (maio de 1944), escreve Bonhoeffer a esse respeito:

Até que sejas grande, a forma da Igreja terá mudado [...]. Não é questão nossa, prever o dia – mas o dia chegará – no qual outra vez serão chamadas pessoas a dizerem a palavra de Deus de tal maneira que o mundo se mude e renove. Será uma nova linguagem, talvez inteiramente arreligiosa, mas libertadora e salvadora, como a linguagem de Jesus, a ponto de as pessoas se espantarem sobre a mesma e, no entanto, serem vencidas por seu poder, a linguagem de uma nova justiça e verdade, a linguagem que anuncia a paz de Deus com a humanidade e a aproximação do seu reino. [...] Até a causa dos cristãos será uma causa silenciosa e escondida – mas haverá pessoas que

rezam e fazem o que é justo e esperam pelo tempo de Deus.⁷

Nessa atitude soam dois outros motivos de Bonhoeffer:

1) A *confissão de culpa*, escrita ainda em 1941 e publicada na *Ethik* (no capítulo Schuld, Rechtfertigung, Erneuerung [Culpa, justificação, renovação]).

2) A *disciplina do arcano*, um conceito da comunidade primitiva, que visa preservar a essência da Igreja como representante vicária de Cristo na terra, sem devaneios fundamentalistas, ou sem cair num pragmatismo, que significasse a renúncia às esperanças escatológicas. Seu sentido próprio depreende-se da separação entre “último” e “penúltimo”, como o exprime Bonhoeffer na *Ethik* (cf. o capítulo Die letzten und die vorletzten Dinge [As coisas últimas e penúltimas]). Nunca existe um acesso imediato, positivador, ao “último”, isto é, à realidade *escatológica* de Deus. O caminho para lá acontece muito mais pelo penúltimo, quer dizer, pelo engajamento radical na realidade, *pro aliis*. Isso, não pode, a sua vez, ser entendido como realidade última, porque, nesse caso, o ser humano cairia na auto-salvação, e com isso, no fanatismo e na ideologia.

Resumindo, pode dizer-se, então, que a Igreja assume positivamente a representação vicária de Cristo no mundo, ao assumir a responsabilidade por outros.⁸ O agir responsável está sempre sob a sombra do limite (da culpa, da adequação à realidade) e carrega em si sempre um indicativo negativo à salvação final. *Não se trata de um agir puramente responsável no qual se tem a segurança da justificação final*, mas muito mais de um agir de natureza ideológica.

⁷ *Widerstand und Ergebung* (DBW VIII). Gütersloh 1998, p. 436.

⁸ Isso obviamente não pode ser mal-entendido, como se a Igreja infantilizasse o outro. “Responsabilidade por outros” é de se entender muito mais no sentido de que não pode assumir uma posição neutra, mas se encontra sob o apelo para uma opção pelas necessidades e necessitados do mundo.

Como tarefa da Igreja, ao lado do agir responsável, deve apontar-se, portanto, também para a *esperança escatológica*. Nisso está o sentido da *oração* e do *silêncio* (e da celebração da Eucaristia e da administração dos sacramentos). Não existe, porém, oração sem *ação* responsável, não há silêncio sem clamor por justiça. Para Bonhoeffer, isso teve o sentido de que sem *resistência* não podia haver *submissão* (entrega) à vontade de Deus.

Tradução do alemão: Érico João Hammes